

PROJETO GUIGNARD

Vanderlei Alexandre da Silva, Vandico é artista plástico, residente em Ouro Preto.
Entrevista realizada no dia 30 de julho de 2001, na casa de sua irmã.

Gélcio: Vandico, quais são as suas memórias de Guignard em Ouro Preto?

Vandico: Eu era menino e ele sempre foi uma figura paternal, dócil, muito desprendido. Eu me lembro dele aqui em Ouro Preto, quando ainda era magrinho... Não tinha aquele corpo, tinha um porte mais ou menos atlético. Era muito falante, alegre, extrovertido e vivia pintando. Depois sumiu por uma longa temporada. Tenho lembranças de Guignard na década de 40. Eu devia estar com uns nove anos, mas antes disso ele esteve aqui, pois sempre foi apaixonado por Ouro Preto. Guignard era um camarada sensacional, todo mundo gostava dele. Era muito brincalhão. Desde pequeno eu gosto de pintar. Aqui vinham muitos pintores de São Paulo, do Rio de Janeiro e tive oportunidade de conhecê-los. Tinha mania de chegar perto deles, ficar espiando e Guignard brincava, fingia que ia passar o pincel na gente. Nunca o vi de mau humor. Lembro-me que certa vez ele estava pintando ao lado da igreja do Pilar. Cheguei perto e ele brincou. Falei com ele que eu gostava de pintar também. “Ah, sim”. Ele tinha uma dificuldade de dicção, mas era um cara sensacional. Então eu o convidei para vir a minha casa. Ele viu um quadro meu e falou: “Puxa, eu não esperava encontrar uma coisa tão boa assim, de um menino”. Isso foi um incentivo muito grande para mim, ele tinha sempre uma palavra de ânimo. Era uma figura humana ímpar. Guignard foi um cara que passou pelo mundo e só deixou coisas boas, só lembranças boas.

Gélcio: Eu li um artigo do Roberto Lacerda contando sobre a chegada de Guignard a Ouro Preto, no qual ele disse que apresentou Guignard primeiro a Eugênio Diogo, que era o artista assumido de Ouro Preto, pintor, você confirma isso?

Vandico: Sem dúvida. Apesar de Eugênio ser “sistemático”, Guignard era muito amigo dele, era amigo de todo mundo, não tinha esse negócio com ele não. Era carismático, uma pessoa boníssima. Eu me lembro do Eugênio pintando nas ruas com Guignard e com Marta Nódice. Ela era alemã e pessoa também “sistemática”, não gostava que a gente chegasse perto dela. A pintura dela era muito bonita, de um colorido sóbrio, muito elegante. Não gostava que a gente se aproximasse, não deixava mesmo. Ficava uma fera quando percebia alguém próximo ao cavalete.

Gélcio: Em que lugares você se lembra do Guignard?

Vandico: Guignard andava aqui pelas imediações do Pilar e lá pelo Antônio Dias, freqüentava os dois bairros. Lembro-me perfeitamente bem dele no bar do “seu” Parras, onde hoje é o Restaurante Chafariz. Ele se hospedava nessa época no Grande Hotel, depois foi para o *Toffolo*. Tinha um médico de Belo Horizonte que tomava conta dele, o Dr. Santiago Americano Freire. Tinha também o Wilde Lacerda, artista plástico, aluno e amigo, que ficava aqui para cuidar dele. Era solto, não tinha muito juízo, como falavam na época. Gostava de beber. Wilde não gostava, então ele tinha que “travar” Guignard. Eu me lembro que ele saía de manhã cedinho e, na hora que “seu” Parras abria, ele ia, parava lá e tomava

o famoso “rabo de galo”, como era chamada a mistura de cachaça com cinzano. Guignard era um apaixonado. Todas as meninas de Ouro Preto ele chamava de *Marílias*.

Gélcio: O Zé Pio me disse em entrevista, que era difícil se aproximar de Guignard porque tinha sempre alguém de fora, cercando, vigiando.

Vandico: Ele tinha a mania de dar os desenhos que fazia para os outros, não tinha apego a nada. Então, no final é que o pessoal tomou a atitude de não deixar ninguém se aproximar dele, porque tudo o que ele tivesse, se você gostasse, ele dava. O pessoal já sabia do potencial de Guignard, que estava famoso e nem se dava conta disso, não estava nem aí para esse negócio de fama. O Zé Pio tem razão. Tinha muita gente inescrupulosa que se aproveitava da bondade dele para usufruir de possíveis lucros.

Gélcio: As namoradas dele, você se lembra de alguma?

Vandico: A Zezé Albergaria, ele era apaixonado por ela. Aliás, acho que ela tem até um desenho dele.

Gélcio: Quando vinha de Belo Horizonte, Guignard costumava viajar de trem?

Vandico: Era de trem que saía de Belo Horizonte. Havia o das seis horas da manhã, que chegava aqui às onze e outro que saía de lá às quatro da tarde e chegava às dez horas da noite. Guignard chegava de guarda-pó branco, por causa da fuligem produzida pela “Maria Fumaça”. Na época era comum usar guarda-pó para proteger a roupa de passeio. Tempo bom! Viajar de trem proporcionava uma viagem econômica, além de muito agradável e romântica.

Gélcio: Como você vê a pintura dele?

Vandico: Para mim a pintura de Guignard é de um lirismo que não tem tamanho, é algo que não dá para explicar. Eu acho também que a criação do Museu Guignard foi muito boa para Ouro Preto. É mais um pólo cultural que passamos a ter, um lugar para se conhecer Guignard. O pessoal que está estudando agora tem a oportunidade de ver que ele foi um grande pintor, uma pessoa sem mácula. Acho que era um ser iluminado. Vejo na pintura dele uma poesia, um abstracionismo muito grande, uma simplificação... Guignard soube transmitir tudo isso com muita clareza e sinceridade. Seus quadros têm uma coloração bonita. Alguns em vermelho, azul, tons bonitos demais, um festim de cores... Aqueles papagaios, com sua leveza, naquele céu tumultuado. Aquele aguado... Às vezes parece que o quadro dele está chorando, de tão bonito que é, de tanta sensibilidade que nos transmite. O quadro chora, não sei se de saudade ou de emoção.